

Glossário

Abóbada sobre cruzeiro de ogivas: suportada pelo menos por duas nervuras diagonais, as ogivas e dois arcos transversais, ditos arcos frechais.

Jazigo de igreja: nicho funerário praticado num muro.

Misericórdia: suporte fixado debaixo da aba de uma cadeira de coro que permite aos monges sentarem-se discretamente durante os ofícios dando a impressão de que estão de pé.

Procuradoria: escritório do procurador, religioso encarregado dos interesses materiais da comunidade.

Púlpito: barreira que separa o coro da nave.

Retábulo: decoração vertical nas traseiras de um altar.

Sala capitular: local de reunião dos monges que lêem um capítulo da sua regra (capitulum) e deliberam os assuntos importantes.

Sibilas: profetisas pagãs supostas terem anunciado a vinda do Cristo.

Informações práticas

Duração média da visita: 1h30

Visitas comentadas. Visitas áudio guiadas.

Visitas adaptadas para pessoas deficientes.



O “Centre des monuments nationaux” publica uma colecção de guias sobre os monumentos franceses, traduzidos em várias línguas. As “Éditions du patrimoine” estão à venda na livraria e loja.

Centre des monuments nationaux
Monastère royal de Brou
63 boulevard de Brou
01000 Bourg-en-Bresse
réf. 04 74 22 83 83
fax 04 74 24 76 70

www.monuments-nationaux.fr

Os túmulos dos príncipes

O símbolo das grandes dinastias

As efígies perpetuam na pedra o poder das grandes dinastias de príncipes. Iniciada no século XII com a necrópole dos Plantagenêt em Fontevraud, esta tradição manifesta-se na abadia de Saint-Denis quando Santo Luís manda esculpir dezasseis efígies de soberanos, instaladas na junção do transepto. No século XV, os duques de Borgonha, antepassados de Margarida de Áustria, mandam edificar em Dijon túmulos esplêndidos. O projecto de Margarida inscreve-se neste movimento e procura igualar o túmulo que o seu pai Maximiliano mandou executar em Innsbruck ou o que Ana de Bretanha, sua rival, encomenda para os seus pais na catedral de Nantes.

Efígies jacentes, trespassados, chorosos de Brou

Desenhados por Jean Van Roome, dito Jean de Bruxelas, os túmulos foram esculpido por um atelier “brabançon”, como o testemunham o seu estilo maneirista. As grandes efígies são obra de Conrad Meit, artista de origem alemã ligado à corte da princesa em Malines, presente em Brou desde 1526. A disposição dos túmulos de Margarida de Áustria e do seu esposo é inspirada no cerimonial dos funerais principescos, onde era exposto por cima do caixão, numa cama de parada, um manequim em fato de aparato. Em cima, a efígie é um retrato realista do momento da morte, em baixo, o trespassado, nu na sua mortalha, é representado segundo a tradição medieval: esperando a Ressurreição, o rosto transfigurado voltado para leste, os olhos abertos para uma alvorada nova...

Um museu no mosteiro

As esculturas antigas

O refeitório abriga esculturas antigas que provêm da igreja de Brou e de outras fundações religiosas das proximidades. O grupo de são Felisberto, Felisberto o Belo e o santo André são os únicos elementos que subsistem da escultura de origem do portão oeste da igreja de Brou, danificada na Revolução.

As pinturas

No primeiro andar, são expostas nas antigas celas: a pintura do século XVI, do século XVII flamengo e francês, os caravagescos, a paisagem no século XIX, a pintura trovadoresca e obras mais contemporâneas. Observam-se os retratos de Margarida de Áustria e de Carlos Quinto por Van Orley, *A caça às cegonhas* de Bruegel de Velours. Um conjunto de obras de Gustave Doré contrasta com Jean-François Millet e Gustave Moreau.

As artes decorativas

Um conjunto de móveis do Renascimento da região lionesa e móveis “bressans” do século XIX são apresentados, bem como uma colecção de faianças de Meillonnas.

A arte contemporânea

O museu voltou-se, em pintura, para a abstracção «contemplativa»: uma arte silenciosa, sóbria e meditativa, em acordo com a atmosfera do mosteiro.

mosteiro real de Brou

em Bourg-en-Bresse igreja e museu

Obra-prima de uma filha do imperador

Um acto de amor

Edificado no início do século XVI, Brou é a obra-prima desejada por Margarida de Áustria, filha do imperador Maximiliano I de Habsburgo e de Maria de Borgonha, para perpetuar o amor que ela tinha pelo seu esposo defunto Felisberto o Belo, duque de Sabóia.



Uma fundação religiosa

Saint-Pierre de Brou está instalado no sítio de uma necrópole galo-romana e depois burgúndia. Pouco depois da morte de Felisberto em 1504, Margarida dedica-se à realização do voto de reconstrução do priorado, em mau estado, edificado pela sua sogra, Margarida de Bourbon.

Um gesto político

Regente dos Países Baixos durante cerca de um quarto de século, Margarida de Áustria acompanha de Malines as obras do mosteiro destinado a abrigar três túmulos: o seu e os de Felisberto e de sua mãe. Margarida morre em 1530, pouco antes da conclusão das obras, sem o ter visto. Classificado monumento histórico em 1791, Brou vê parte dos seus edifícios monásticos cedidos em 1921 a Bourg-en-Bresse que aí instala o seu museu.

Dimensões reais

O conjunto inclui três claustros, facto único em França, duas salas capitulares*, e mais de 4 000 m² de anexos para apenas doze monges.

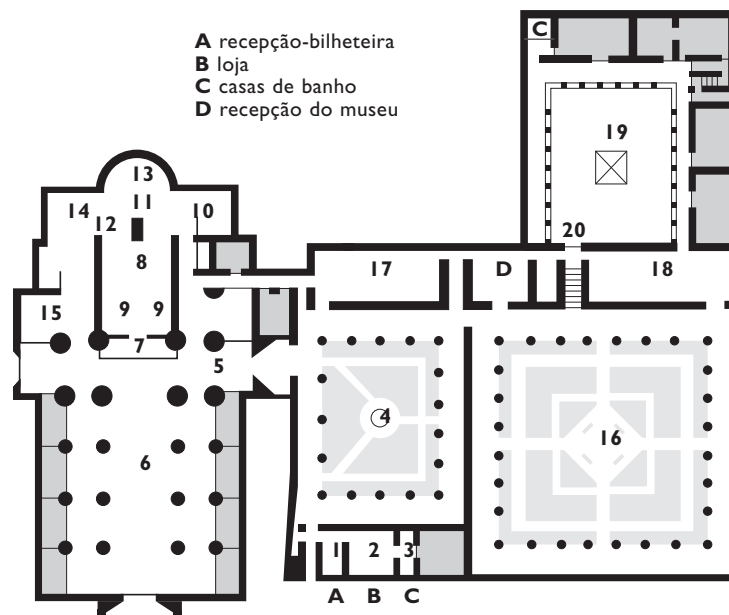
O primeiro claustro

- 1 2 3 O edifício dos hóspedes** destinava-se a alojar Margarida de Áustria e a sua corte.
- 4 O primeiro claustro** é rodeado no rés-do-chão de galerias com abóbadas de ogivas*, e no primeiro andar de galerias com tectos.
- A «Câmara» entre o exterior e a comunidade de monges, acolhia os hóspedes de passagem.

A igreja (1513-1532)

A igreja é uma obra-prima do gótico flamejante flamengo edificada por Loys Van Boghem, o mestre-de-obras bruxelense eleito por Margarida de Áustria.

- 5 O transepto** sul é ornado de um vitral que conta a história de Susana. A capela de António de Montecuto abre-se à direita. Este capelão da princesa está representado no vitral dos Peregrinos de Emmaüs.
- 6 A nave**, com abóbadas de ogivas* e guarnecida nos ângulos de naves laterais e de capelas, com os seus muros nus, os seus potentes pilares e os seus vitrais incolores, é de uma sobriedade desejada para contrastar com a riqueza do coro.
- 7 O púlpito***, invadido por uma exuberante vegetação de pedra, anuncia os esplendores do coro.
- 8 O coro**, de vastas proporções, decorado em abundância, multiplica as rendas de pedra. Nas abóbadas, um revestimento rosa e branco desenha um falso aparato de pedra. O solo era na origem de azulejos policromes de que só resta alguns vestígios ao pé dos túmulos.



9 As cadeiras de coro de carvalho, dispostas de uma parte e outra do coro, são trabalhadas ricamente. As cenas e personagens do Antigo Testamento ao sul e do Novo Testamento ao norte e as formas com nervuras, são obra de um atelier flamengo, enquanto que as misericórdias* são provavelmente a obra de artistas “bressans”.

10 O túmulo de Margarida de Bourbon, escavado em forma de jazigo* no muro sul, é rodeado de uma rica decoração. As estatuetas dos chorosos lembram aquelas do túmulo dos duques de Borgonha em Dijon.

11 O de Felisberto o Belo ocupa o meio do coro. Nos nichos que o rodeiam velam dez elegantes sibilas*.

12 O de Margarida de Áustria, com um monumental baldaquino de pedra povoado de estatuetas, evoca as imponentes camas de parada dos funerais principescos.

13 Os cinco vitrais do coro foram executados entre 1525 e 1531 a partir de cartões realizados em Bruxelas. O vitral central, realizado segundo as gravuras de Dürer, apresenta as aparições do Cristo ressuscitado a Madalena e à Virgem. As janelas laterais são consagradas ao casal principesco: à esquerda Felisberto o Belo apresentado por santo Felisberto de Tournus, e sobre um vitral e meio os brasões da sua genealogia (casas de Sabóia e de Bourbon); à direita, encontramos a mesma disposição para Margarida de Áustria com santa Margarida, e os escudos das casas de Habsburgo e de Borgonha.

14 A capela de Margarida de Áustria apresenta uma decoração particularmente bem tratada: banquetas de alabastro branco e mármore preto, motivos de fechos de abóbadas policromes. O grande vitral da Assunção é inspirado de Dürer, e de Titien para a frisa superior do «Triunfo da fé». Um monumental retábulo* de alabastro, devido a artistas “brabançons”, é consagrado às «Sete Alegrias da Virgem».

15 A capela de Gorrevod comporta um vitral consagrado à incredulidade de santo Tomás que representa também Laurent de Gorrevod, governador de Bresse, cavaleiro da “Toison d’Or”, e a sua esposa Claudine de Rivoire. O antigo altar-mor da igreja está actualmente colocado nesta capela.

O grande claustro

16 O grande claustro, de organização majestosa, apresenta a mesma disposição de galerias altas e baixas que o primeiro claustro. Destinava-se à deambulação dos monges. Dois elementos de uma escultura de 1985 do Americano Richard Serra convidam o visitante a percorrer este claustro.

O edifício principal do convento

- 17 O edifício principal** do convento é ocupado actualmente pelo museu municipal. Abrigava a sacristia, a sala capitular* norte, a sala capitular* sul e a escada que conduzia às celas do «dormitório».
- 18 O refeitório** é a mais vasta das salas com abóbadas de ogivas* do mosteiro.

O terceiro claustro

- 19 O terceiro claustro** é reservado aos anexos, e foi decidido durante as obras. De estilo “bressan”, comporta três galerias com tectos altos e baixos, que vêm apoiar-se a oeste no edifício principal já construído. Não longe do refeitório, conduzia ao sul à cozinha e ao calefactorium, e a leste aos fornos, à procuradoria*, a um quarto para os domésticos e a uma prisão. Com pavimento de seixos, comporta um poço coberto de tecto em pavilhão. Uma obra de 1990 do escultor alemão Ulrich Rückriem está instalada ao longo da galeria norte. Estas quatro estelas evocam a lembrança dos priores de Brou enterrados na igreja.

O «dormitório»

- 20 O dormitório e as celas** situam-se no primeiro andar do edifício principal. Cerca de vinte celas alinham-se ao longo de um largo corredor dito «dormitório» com uma lanterna de pedra no ângulo.